

HERÁCLITO E BAUMAN: aproximações HERACLITUS AND BAUMAN: approaches

Rodrigo Koch¹

RESUMO : Neste artigo faço o exercício de buscar aproximações dos pensamentos de Heráclito e Zygmunt Bauman, através de breves comentários de pensamentos que se interagem, em certa medida, destas duas personalidades filosóficas. Utilizo como ponto de partida as teorias de ambos nas quais fazem analogias ao movimento, ao fluxo, à fluidez e à liquidez. Trata-se de uma breve revisão bibliográfica. Heráclito e Bauman foram filósofos que estiveram à frente das sociedades em que viveram e conseguiram apontar caminhos reveladores e bastante céticos aos seus leitores. Separados por mais de dois milênios, ambos foram caracterizados como controversos, pessimistas e receberam pouco reconhecimento em suas pátrias de nascimento.

Palavras-chave: Heráclito; Zygmunt Bauman; Filosofia; Modernidade Líquida.

ABSTRACT: In this article I exercise the approximations of the thoughts of Heraclitus and Zygmunt Bauman, through brief comments from thoughts that interact, to some extent, of these two philosophical personalities. I use as a starting point the theories of both of which make analogies to movement, flow, fluidity and liquidity. This is a brief bibliographic review. Heraclitus and Bauman were philosophers who were at the head of the societies in which they lived and managed to point out revealing and very skeptical ways to their readers. Separated by more than two millennia, both were characterized as controversial, pessimists and received little recognition in their birthday.

Keywords: Heraclitus; Zygmunt Bauman; Philosophy; Liquid Modernity.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Heráclito e Zygmunt Bauman. Dois pensadores. Duas épocas distintas. Algumas ideias que se aproximam. Heráclito de Éfeso é corriqueiramente citado como um dos principais filósofos da Antiguidade pré-socrática, e classificado na escola jônica apenas por sua localização geográfica, já que adotou postura controversa aos seus contemporâneos de Mileto. A obra do filósofo caracterizou-se por iniciar um movimento de ruptura nas ideias pré-socráticas que desembocaram nas filosofias socrática, platônica e aristotélica. As informações sobre a trajetória de vida de Heráclito são, por algumas vezes, contraditórias e desencontradas. Heráclito nasceu na cidade de Éfeso em 540 a.C, e era filho da alta aristocracia da cidade. Devido a sua personalidade orgulhosa, recusou a vida política e abdicou da herança do trono de Éfeso, passando ao irmão; demonstrando o desprezo que

¹ Professor adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). prof.koch.rodriigo@gmail.com

Heráclito tinha pelas pessoas e pela sociedade (em especial pela plebe), sendo classificado como uma pessoa que sentia aversão ou ódio pela humanidade e pela convivência social (misantropo). O pensador teria sido bastante criticado por essa atitude em sua época, mas, em contrapartida, era admirado por sua sabedoria desde a infância. Acredita-se que Heráclito atingiu sua maturidade intelectual, quando desenvolveu a mais significativa parte de sua obra, por volta dos quarenta anos de idade, mas apesar da alta produção filosófica do pensador, reconhecida hoje por sua importância histórica, em sua época ele foi rechaçado diversas vezes por sua vida isolada. Por um tempo, viveu no templo da deusa Ártemis e, mais tarde, foi para um retiro solitário nas montanhas, alimentando-se apenas de plantas.

Heráclito iniciou uma maneira de pensar o surgimento do Universo de forma diferente. Enquanto os filósofos da Escola de Mileto (Tales, Anaxímenes e Pitágoras) apresentavam uma unidade material como elemento originário de tudo, Heráclito depositou a sua teoria em um elemento com capacidade de movimentar, agitar e transformar as coisas: o fogo. Para Heráclito, o mundo e o ambiente estão em constantes movimentos; tudo muda o tempo todo, e o fluxo perpétuo é a principal característica da natureza. Nada fica estático, tudo se move, tudo muda. Heráclito afirmava que não há unidade natural, mas duelos e dualidade constante. O filósofo desprezou a noção de essência e defendia a mutabilidade, surgida de vários processos contínuos; ou seja, a relação composta pelo duelo entre os contrários, gera novas características. Por esses pensamentos, Heráclito é considerado o “pai” da dialética. Quanto à obra de Heráclito há divergências, pois enquanto alguns estudiosos convencionaram que ele teria escrito uma obra completa, chamada Sobre a natureza, pesquisas recentes tentam demonstrar que a obra do filósofo consiste em um conjunto de aforismos espaçados e separados, portanto, não sendo um conjunto único, e sim fragmentado. Posteriormente, Heráclito influenciou os pensamentos de Parmênides e Platão, e já no início do século XIX Georg Hegel baseia seu sistema filosófico dialético na integração de opostos.

Na velhice, Heráclito foi acometido pela doença da hidropsia, também conhecida hoje como edema: o acúmulo anormal de líquido pelas células e cavidades do corpo, provocando inchaços e funcionamento anormal dos órgãos. Obrigado a voltar para a cidade e consultar os médicos - profissionais que ele tanto criticava - acabou desistindo do tratamento convencional, e pensou que o calor do estrume produzido nos estábulos poderia fazer

evaporar o líquido de seu corpo. Enquanto alguns historiadores apontam que ele teria morrido sufocado nas fezes animais, outras fontes dizem que Heráclito conseguiu sair do esterco, e que teria falecido mais tarde por causas naturais, provavelmente ligadas à sua doença. Morreu no ano de 470 a.C., aos 70 anos de idade.

Zygmunt Bauman nasceu em Poznan (1925), na Polônia, em uma comunidade judaico-polonesa, onde viveu sua infância e os primeiros anos da juventude. A cidade, no período entre guerras, era marcada pelo preconceito racial e extremamente segregadora. Bauman, apesar de ser um legítimo polonês de nascimento, mas devido a ascendência judaica de ambas famílias, sofria discriminação na escola, tendo que sentar-se em um local específico na sala; e apesar de ser um ótimo aluno, nunca foi reconhecido desta forma pelos professores e pelos colégios por onde passou. Sobre muitas famílias, inclusive a sua, o sociólogo pondera que eram “[...] judaica por destino, polonesa por escolha; polonesa no conteúdo e na forma, apesar de judaica por origem” (BAUMAN 2024, p.57). Com o início da Segunda Guerra, os Bauman se refugiaram na Rússia, onde Zygmunt se alistou e foi treinado pelo Exército Vermelho. Passado o conflito, Bauman começou a adotar uma postura e crença em uma política menos opressiva e controladora, porém igualitária para todas as classes, etnias e religiões, ainda que o cenário do pós-guerra na Polônia remetesse e acentuasse os antigos movimentos xenofóbicos. De volta à Polônia, em Varsóvia, Zygmunt Bauman teve enormes dificuldades para construir os alicerces de sua carreira como professor universitário, enfrentando novos preconceitos em sua terra natal e, tendo o reconhecimento apenas posteriormente depois de consolidar seu trabalho na Inglaterra (Universidade de Leeds) e receber honrarias na Itália (Prêmio Amalfi). Foi casado com a eterna companheira Janina, com quem teve três filhas.

Nos estudos sociológicos, sobre as interações humanas na Modernidade tardia, Bauman percebeu que os relacionamentos estavam menos duradouros na virada do milênio, e que havia um medo difuso que tornava os indivíduos inseguros e individualistas; assim, a segurança era buscada no prazer imediato através do consumo, no isolamento voluntário, no distanciamento dos diferentes e na fugacidade de relações. Ele identificou um ponto físico-comportamental em comum: a liquidez, com a qual fez analogias. Incomodado com a denominação dos tempos contemporâneos de Pós-Modernidade, ele cunhou o termo Modernidade Líquida, título de um de seus principais livros e, pelo qual elaborou novas

observações, estudos e análises. Suas teorias estão concentradas na fluidez das relações humanas, ao notar que as características básicas dos líquidos — maleabilidade, fluidez e difusão — são, igualmente e facilmente, identificadas na maneira como as pessoas relacionam-se umas com as outras, com o tempo, consigo mesmas, e com os modos de viver pós-modernos. Bauman cita a individualização como marca destacada da sociedade líquido-moderna, e mostra que a mesma é ambivalente ao conferir autonomia aos indivíduos e, ao mesmo tempo, insegurança. Nesse processo, há uma certa troca dos valores entre liberdade e segurança, temas abordados em diversas de suas obras e artigos. Bauman é autor de mais de cinquenta livros, nos quais destacam-se: *Modernidade e Holocausto* (1989) - pelo qual foi premiado -, *Modernidade líquida* (2000), *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2003), *Medo líquido* (2006), *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias* (2007), *A riqueza de poucos beneficia todos nós?* (2015), e *Estranhos à nossa porta* (2016), entre outros.

“Alguns meses após a morte de Janina, Bauman disse para as filhas: ‘Agora é uma questão de escolha: ou eu morro ou escolho a vida’. Ele escolheu a vida” (WAGNER, 2020, p.490). Quase dois anos depois, Zygmunt viria a compor um novo casal, com a ex-colega de doutorado Aleksandra Jasinska-Kania, que também havia ficado viúva anos antes. Os dois passaram a compartilhar seus sofrimentos, porém nunca se casaram e, dormiam em camas e quartos separados. Seu último ano foi praticamente todo vivido na Itália. Após a última comemoração natalina em Leeds (Inglaterra), nas festividades da virada para 2017, Bauman afirmou que seria um ano curto e, de fato, foi: ele morreu em 9 de janeiro. Feita esta breve apresentação dos filósofos que estarei articulando nas próximas páginas, neste artigo ensaístico - não sendo filósofo de formação, e tendo estudos tangenciais na Sociologia - assumo o desafio e, faço o exercício de buscar aproximações dos pensamentos de Heráclito e Zygmunt Bauman, separados historicamente por mais de dois mil anos, ainda que isto possa parecer tarefa bastante complicada e, em certa medida, descontextualizada na contemporaneidade. Para isto, farei breves comentários através de pensamentos, que se aproximam, destas duas personalidades filosóficas; utilizando como base as teorias de ambos nas quais fazem analogias ao movimento, ao fluxo, à fluidez e à liquidez.

1. APROXIMAÇÕES

Entre algumas possibilidades, me parece que o melhor ponto de partida para iniciar as análises de aproximação dos pensamentos de Heráclito e Bauman sejam as principais teorias de ambos, nas quais fazem analogia aos líquidos. A obra heraclitiana é conhecida, principalmente, pelos aforismos: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”; e “Sobre aqueles que entram em um mesmo rio, afluem outras e outras águas” (HERÁCLITO 2025). A interpretação das palavras de Heráclito nos conduz para uma sociedade e para indivíduos em constante movimento, que podem mudar de intensidade, volume e fluxo a qualquer momento; ou seja, ao fazer a analogia com as águas de um rio, o filósofo entende que cada momento é episódico e único, não podendo ser repetido, ainda que seja composto pelos mesmos personagens e cenários. No entendimento do filósofo helênico, ao viver uma situação por mais vezes, a cada uma delas a experiência e a vivência será diferente, ainda que possamos encontrar os mesmos resultados, sempre haverá outros olhares, concepções e contextos diversos. Bauman ao perceber as mudanças sociais da virada do milênio, concebeu a teoria da Modernidade Líquida, na qual os laços humanos - sejam estes de afeto conjugal e/ou familiar, de relações de trabalho informais ou profissionais, ou ainda, superficialmente sociais - se assemelham às condições físicas dos líquidos: “Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’ [...]” (BAUMAN 2001, pág.8). Portanto, toda e qualquer relação, para Bauman, deixa suas marcas: algumas de fácil descarte, como uma água usada e suja; e outras mais pegajosas, como se fossem líquidos viscosos ou engraxados. O sociólogo judaico-polonês aponta para a fragilidade e fugacidade das relações estabelecidas nas sociedades contemporâneas, extremamente, marcadas pela conveniência dos atores deste palco que também é líquido; portanto, não há pontos sólidos onde se fixar ou ancorar. Relações afetivas (ou de trabalho) do tipo ‘até que a morte os separe’ foram substituídas por projetos de interesses individuais, com a característica de ‘durar enquanto os partícipes forem úteis para ambos ou pelo menos para um dos lados’.

Seguindo nesta mesma linha de raciocínio e análise, há outras frases de Heráclito e Bauman que complementam e se somam às afirmações anteriores. Quando Heráclito diz que “O Sol é novo a cada dia” (HERÁCLITO 2025), mais uma vez o filósofo alude ao

movimento transitório, reforçando a importância dos momentos presentes, abandonando - em certa medida - os acontecimentos bons ou ruins do passado (sendo o mesmo recente ou distante) e, se libertando - também em certa medida - de preocupações com o futuro que ainda está por vir, e para o qual, segundo o pensamento heraclítico - como um rio - pode apresentar imprevisibilidade. Há semelhanças com as palavras de Bauman, quando este aponta que “[...] tudo pode acontecer e tudo pode ser feito, mas nada pode ser feito apenas uma única vez e durar para sempre [...]” (BAUMAN 2008, pág.114). O sociólogo, portanto, também aposta na aleatoriedade e liquidez das ações humanas. Ele complementa, afirmando que “A vida fragmentada tende a ser vivida em episódios, numa série de eventos desconectados” (BAUMAN 2008, pág.202), avançando neste pensamento sobre os laços sociais, cada vez mais descompromissados e desengajados na pós-modernidade.

Na obra *Modernidade Líquida*, Bauman já antevia condições sociais que seriam ‘normalizadas’ em décadas posteriores:

No estágio fluido da modernidade, a maioria assentada é dominada pela elite nômade e extraterritorial. (BAUMAN 2001, p.22) [...] a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga. (BAUMAN 2001, pág.23).

Nestas passagens ficam bem caracterizadas as atividades dos chamados nômades digitais, e das ‘campanhas de engajamento’ e manifestações virtuais, onde simples cliques, curtidas e compartilhamentos transformam contextos e dão falsas impressões coletivas, sem qualquer aprofundamento intelectual ou envolvimento e fortalecimento de laços comunitários. Cada indivíduo se vale e se soma às ‘causas’ que lhe são convenientes naquele instante, sendo permitido - por quantas vezes cada um entender - as trocas de lado e de posicionamentos políticos e ideológicos. Podemos avançar nas aproximações heraclíticas e baumanianas explorando e entrelaçando temáticas que envolvem o conhecimento, o sentido da vida, e a identidade. Fazendo referência à Sócrates, que ao ser apontado como o homem mais sábio de sua época, buscou investigar seu sentido profundo concluindo que a sabedoria que o distinguia era a consciência de sua própria ignorância, Heráclito afirmou que “O senhor cujo oráculo está em Delfos não declara nem oculta, mas assinala” (HERÁCLITO 2025); ou seja, os Deuses do Olimpo (ou Zeus, o Deus Supremo dos deuses

no politeísmo helênico), que se manifestavam através das pitonisas (mulheres que possuíam o dom da profecia na Antiguidade), apontavam por meio de afirmações míticas - que necessitavam interpretações - o destino e/ou os caminhos que os homens/mortais deveriam seguir. Sócrates foi considerado o mais sábio, simplesmente, por ter noção de o quanto era insignificante, ao declarar: “Só sei, que nada sei”. Sobre a ignorância humana, Heráclito - que declaradamente tinha asco da sociedade - foi mais duro, apontando que

A maioria não percebe as coisas com que se defronta, nem, sendo instruída, entende, embora acredite que sim (HERÁCLITO 2025). Não compreendendo, embora ouçam, assemelham-se a surdos. Deles dá testemunho o provérbio: presentes, estão ausentes (HERÁCLITO 2025).

No pensamento do filósofo helênico, embora o lógos seja comum, a maioria vive como se possuísse uma sabedoria privada, algo comum de se perceber nas chamadas ‘bolhas das redes sociais’ da contemporaneidade. Há um ‘conhecimento/entendimento’ compartilhado por um grupo de pessoas, que se consideram os propagadores da ‘verdade’ e ao mesmo tempo se negam a dialogar com a diversidade cultural que os cercam. Nestes espaços - a maioria deles extraterritoriais e hiper espetacularizados na contemporaneidade - proliferam ignorâncias. A análise de Bauman desta condição humana pós-moderna, não é menos pessimista, quando ele convoca os leitores a pensar sobre uma balança que coloca liberdade de um lado e segurança do outro:

A libertação é uma benção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de benção, ou uma benção temida como maldição? [...] a verdade que torna os homens livres é, na maioria dos casos, a verdade que os homens preferem não ouvir (BAUMAN 2001, p.28).

O sociólogo, em outras palavras, avalia que muitos, apesar de louvarem e defenderem a liberdade, não percebem que a mesma pode ser um fardo e que há mecanismos sociais que nos dão falsas esperanças e percepções de liberdade. Em uma era de hiperconexão e de condução de consumo através dos algoritmos (seja de produtos tangíveis e perecíveis, ou de posições políticas e ideológicas), populações são arrastadas para um lado e para o outro sem que tenham a real noção destes movimentos de interesse de grandes corporações nos

bastidores. Ajuda a pensar sobre esta condição, o aforismo heraclítico: “Se todas as coisas se tornassem fumaça, seriam as narinas que as distinguiriam” (HERÁCLITO 2025). Neste pensamento, a fumaça simboliza coisas inferiores e periféricas, afastadas do “Fogo criador” (ou do pensamento/raciocínio), elemento primário para Heráclito; ou seja, alude à opinião da maioria, que vive em meio à fumaça, sem nada enxergar, na periferia do real, onde tudo é fumaça, portanto, transitório. Em sua época, Heráclito ainda fez alerta mais incisivo sobre possíveis manobras e manipulações da população: “Que inteligência e que juízo têm? Creem nos poetas populares e têm por mestre a multidão, não percebendo que a maioria é má e poucos são os bons” (HERÁCLITO 2025).

Sobre a busca pelo autoconhecimento ou uma identidade, Heráclito e Bauman também teceram pensamentos que valem ser analisados. Ambos não acreditavam em uma essencialidade, mas Bauman vai além ao caracterizar os tempos pós-modernos como um espaço onde não há possibilidade para uma identidade específica, sólida ou permanente e de longo prazo. O sociólogo polonês aposta em fragmentos identitários, destacando que vivemos em ‘Comunidades Guarda-Roupa’, avançando no conceito de Comunidades Imaginadas, de Benedict Anderson, ou seja, trocamos de identidade como quem troca de roupa diariamente.

Hoje, os padrões e configurações não são mais ‘dados’, e menos ainda ‘autoevidentes’; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes [...] (BAUMAN 2001, pág.15).

Assim, Bauman, entre tantas outras reflexões, pensa mais uma vez sobre os contextos que nos levam ao engano, ou melhor, ao que nos faz seguir - como um surfista - aquilo que ‘está na onda’ (modismos sociais) ou que ‘a maré nos conduz’ (ideologias vazias) e em cenários pós-modernos desterritorializados. Ele afirma ainda que:

O comércio de significados da vida é o mais competitivo dos mercados. [...] separar significados e fórmulas de vida em ‘certos’ e ‘errados’ é uma tarefa ousada e destinada a fracassar (BAUMAN 2008, pág.11).

Encerro esta parte de análise das aproximações heraclíticas e baumanianas, com um outro aforismo de Heráclito que parece se encaixar com os trechos anteriores: “A cultura é

um segundo Sol para os homens cultivados” (HERÁCLITO 2025). Em uma tentativa de interpretar tal afirmação do filósofo da Antiguidade, podemos pensar que a instituição ‘Cultura’ para ele seria um segundo passo ou uma próxima etapa do conhecimento para os homens iniciados nas atividades científicas. Em uma época em que o acesso ao conhecimento (composto basicamente pela gramática, matemática, música e filosofia) era privilégio de poucos cidadãos na Antiguidade com recursos financeiros, posses, ou de famílias aristocráticas, podemos imaginar que a continuidade de certos estudos ou a presença e acompanhamento de tutores representava um avanço e condição ímpar para aqueles que desfrutavam da mesma.

Bauman, por muitas vezes, e também Heráclito, se arriscaram a avaliar e analisar a ‘felicidade’, um dos conceitos e sentimentos humanos mais subjetivo, difícil de mensurar, complicado de estabelecer onde começa e onde termina; mas também o mais explorado por filósofos de todos os lugares e épocas. Há mais de dois milênios atrás, Heráclito disse que “Se a felicidade estivesse nos prazeres do corpo, chamaríamos de felizes os bois quando encontram ervilhas para comer” (HERÁCLITO 2025). O alerta de Heráclito se dirige aos homens que acreditavam ser felizes quando o atendimento das necessidades básicas humanas estavam contidas: fome e sede saciadas, integridade física estabelecida e mantida, e prazeres sexuais satisfeitos. Para os antigos, isto poderia representar também felicidade, mas Heráclito pensava que a verdadeira felicidade estava além dos prazeres (ou necessidades básicas) do corpo, portanto, precisava também atingir lacunas intelectuais e espirituais. Em outra ofensa direta a plebe, o filósofo helênico, em complemento ao aforismo anterior proferiu que “Asnos preferem palha a ouro”, ou seja, os idiotas não conseguem perceber onde está o valor e a felicidade de fato. Bauman não foi menos duro quanto à temática da felicidade, assunto que por muitas vezes permeou seus pensamentos. “Um homem é tão infeliz quanto se convence que é” (BAUMAN 2009, pág.49). Ao trazer este pensamento, o sociólogo indica que a felicidade pode ser uma questão de escolha ou de autoconvencimento de cada um. Em outro trecho da mesma obra, Bauman escreveu:

A felicidade, [...], é um ideal não da razão, mas da imaginação. [...] quando você pergunta a si mesmo se é feliz, você deixa de sê-lo. [...] sem trabalho duro, a vida não ofereceria nada que a tornasse valiosa. Dois milênios depois, a sugestão não parece ter perdido a atualidade. (BAUMAN 2009, pág.173)

É uma boa reflexão para justificar que só há valor na conquista, ou seja, só se atinge a felicidade (ou se imagina estar feliz), quando há esforço e dificuldade envolvida na tarefa e na chegada ao objetivo final. Felicidade não seria um estado permanente, mas sim um momento (ponto de chegada); em outras palavras, quando se está feliz não queremos que aquele momento termine, pois no instante seguinte não estamos mais plenamente felizes, mas sim satisfeitos. Felicidade é receber um presente, reencontrar alguém, conquistar um título, entre tantas outras possibilidades. Relacionando a felicidade com as escolhas que cada indivíduo faz na trajetória de vida e nos caminhos que percorre, Bauman é direto e assertivo: “Só podemos agradecer ou culpar a nós mesmos pelo que acontece de bom ou ruim em nossa vida” (BAUMAN 2008, pág.17).

Como abordei de forma tangencial o tema do trabalho, também vale aqui trazer breves pensamentos heraclitianos e baumanianos sobre as atividades laborais, lembrando que estes pensadores viveram em épocas bastante distintas, para as quais o trabalho teve concepções e contextos diferenciados na sociedade; ainda assim, me arrisco nessas aproximações. Heráclito lançou o pensamento de que: “Canseira é dar-se sempre às mesmas tarefas e estar sempre começando” (HERÁCLITO 2025). O filósofo helênico, considerava que trabalhar sempre para os mesmos senhores e por eles ser governado não fazia sentido, ou seja, a dedicação prolongada às mesmas atividades não somava conhecimento e não engrandecia o ser humano. Heráclito valorizava o repouso, pois o mesmo exigia uma mudança de atividade. Para ele, o ócio era necessário, porque condicionava o homem a pensar. Diante dos cenários da Modernidade Líquida, Bauman teceu uma variedade de comentários sobre o trabalho na pós-modernidade, atividade - na visão do sociólogo polonês - cada vez mais fluida, desengajada e sem laços duradouros. Em uma de suas muitas entrevistas concedidas, Bauman afirmou que falar em projeto de vida, na qual um indivíduo desenvolverá uma carreira em um setor ou em uma determinada empresa, para um jovem contemporâneo é ambíguo, pois este segmento social encara isto como algo inatingível - causando certas angústias e incertezas - ou desnecessário - pelo ponto de vista de que trabalhar por projetos, sem estar fixo e comprometido com um ‘patrão’ nos tempos líquidos faz mais sentido. “A vida laboral está saturada de incerteza” (BAUMAN 2008, pág.36), pensamento baumaniano que nos conduz para condições imprecisas, inseguranças e de constante vacilação.

Bauman conviveu pouco com o fenômeno das redes sociais, mas ainda conseguiu acompanhar esta ‘nova vitrine de exposição social’ de forma embrionária. Mesmo assim, foi capaz de elaborar inúmeras análises sobre possíveis produtividades destas ferramentas num futuro próximo. Inclusive, para ele um dos pontos marcantes da entrada da sociedade na pós-modernidade foi o fugaz compartilhamento da vida privada nas redes sociais e, como o conceito de amizade se transformou e se confundiu com os numerosos seguidores. Ter mais amigos no Facebook ou seguidores no Instagram passou a ser sinônimo de popularidade e - em boa medida - de ‘riqueza e poder’.

Este número pode demonstrar a capacidade de cada usuário das redes sociais em influenciar uma gama daqueles que os ‘(per)seguem’ no espaço virtual desterritorializado. “Todo mundo busca ansiosamente a aprovação, a admiração ou o amor nos olhos dos outros” (BAUMAN 2009, pág.59), estes atributos são traduzidos através de sinais gráficos (emojis) pós-modernos, que estão se tornando uma nova linguagem, e compartilhamentos de mensagens e opiniões superficiais e descontextualizadas, nas quais elogios e críticas são feitos muitas vezes sem qualquer conhecimento dos fatos, sejam estes prévios ou futuros. Mesmo não tendo qualquer noção de que um dia a humanidade estaria se socializando intermediada pela tecnologia, Heráclito já alertava os seus contemporâneos de que “Não convém ser tão engraçado a ponto de tornar-se objeto de riso” (HERÁCLITO 2025). O recado heraclitiano se dirigia aos tolos e àqueles que pretendiam desviar a atenção social para assuntos menos importantes ou atividades de entretenimento. Seguramente, poderíamos avançar mais neste ponto e nesta temática, mas tais reflexões merecem um texto exclusivo para analisar as produtividades e consequências das redes sociais no cotidiano das sociedades pós-modernas. Finalizo estas tentativas de aproximações entre Heráclito e Bauman, com pensamentos de ambos sobre a morte. Heráclito novamente fez analogias através dos elementos, provocando os leitores a interpretar suas palavras:

A morte da terra é o nascimento da água, a morte da água é o nascimento do ar, a morte do ar é o nascimento do fogo. A morte da alma é tornar-se água; a morte da água, tornar-se terra. Da terra a água é gerada, e da água a alma (HERÁCLITO 2025).

O filósofo teria descrito a morte como um ciclo, com a crença na alma; portanto, para Heráclito a morte não era o fim e, sim um recomeço, ou uma nova etapa de um processo que

se retroalimentava. Já Bauman, declaradamente ateu, não apostava em vida ou continuidade após a morte. No entanto, mesmo sendo considerado por muitos um pessimista e desesperançoso, o sociólogo trazia um alento para os que produziram algo relevante em suas trajetórias de vida:

Todos morrerão, mas alguns permanecerão no mundo enquanto houver pessoas com memória, enquanto os documentos arquivados não forem perdidos e os museus permanecerem em pé (BAUMAN 2008, pág.302-303).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Me arrisco, ao final deste texto, a apresentar algumas considerações. Saliento que as mesmas são breves e parciais, pois me parece haver ainda um vasto campo intelectual para ser explorado nos entendimentos e aproximações destes dois pensadores. Acredito que Heráclito e Zygmunt Bauman foram filósofos que estiveram à frente das sociedades em que viveram e que conseguiram apontar caminhos reveladores e bastante céticos aos seus leitores. Ambos, enxergaram nos elementos líquidos possibilidades analógicas de relacionarem seus pensamentos, para que os mesmos fossem mais palatáveis e de fácil entendimento para a população leiga, menos instruída, ou pouco iniciada na Filosofia e na Sociologia. Separados por mais de dois milênios, os dois foram caracterizados como controversos, pessimistas e - inicialmente - receberam pouco reconhecimento em suas pátrias de nascimento. Para aqueles que pretendem ampliar as discussões, e que entendem ser possível algumas outras aproximações heraclitianas e baumanianas, sugiro maior aprofundamento nas obras de ambos, fazendo uma trabalho de investigação quase que arqueológico, em busca de mais e novas interpretações aos aforismos e analogismos destes dois filósofos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **MODERNIDADE LÍQUIDA**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **A SOCIEDADE INDIVIDUALIZADA**: vidas contadas e histórias vividas. Tradução José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **A Arte da Vida**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **MINHA VIDA**: fragmentos de uma autobiografia. Organização Izabela Wagner; Tradução Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

_____. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/zygmunt-bauman.htm>, consultado em 04ago2025.

HERÁCLITO, de Éfeso. **FRAGMENTOS**: epístolas pseudo-heráclíticas. Tradução de Augusto Fleck e Fernando Barreto Moraes. 1ª ed. Novo Hamburgo: Logos, 2025.

_____. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/heraclito.htm>, consultado em 04ago2025.

VÁRIOS AUTORES. **O Livro da Filosofia**. Tradução de Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Globo, 2011.

WAGNER, Izabela. **BAUMAN**: uma biografia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.